

***ENTRE A PAIXÃO
E A RESIGNAÇÃO***

Livro 34

Escritos do eu

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



Roberto Curi Hallal



MÁGOAS

Inundado em mágoas, me pego atado às amarguras que fazem de mim um retraído pela falta de confiança nas minhas capacidades.

Na minha decepção, agora algo entendo, envolvido pela má lembrança me confundo com o fracasso. Tamanha tristeza me tira todas as confianças e emudece qualquer alegria, fazendo-a triste, escondida.

Emudecido o enredo que tenta algum resgate, perdido na dura falta de graça, quase desgraça, que a soberana tristeza descolore.

Meu descontentamento é pelo que vivo, aceitando desarmoniosas piedades. Não sobra nenhum olhar para me revestir contente por quem sou. Vazio de reinvenções, faltam-me escutas para dar sentido ao que já vivi, faltam abraços para acolher um abraço que prezado espero.

Se eu contar todos os males que conheço não haverá credibilidade para acolher tudo o que tenho para dizer. As feiuras exaltadas na miséria de atos covardes, a ofensa e a vil agressão inventando e abrindo feridas na minha inocência e na minha natureza, assumindo todos os espaços.

SONHOS

Um sentimento mais profundo, oriundo do interior onde se fundam os sonhos, apareceu-me na consciência. É comum pedir o auxílio de imagens aparentemente distantes de mim. Essas miragens movem-se como redes com grande quantidade de conexões. Algumas funções executivas revelam disfarçados os meus desejos, que de outra forma não se manifestariam refutados pela minha censura.



ESCASSAS FONTES DA ALEGRIA

Tenho a alma suspensa. Ela mostrou o quanto podia -quanta coisa guardada, quanta coisa esquecida. Não perdeu as esperanças de deixar de lado a indiferença crescente e voltar a ser feliz com olhos que redescubram a natureza na ferida que sara, na promessa acreditada, no rio que insiste em não morrer.

SOLITÁRIA REALIDADE

Por falta de certeza da originalidade e distante de acostumar-me, quero repartir essa dor.

Pantanosa, a realidade encolhe os espaços que saúdam a vida, tornando mais severas as feridas.



MEUS MEDOS

O melhor de tudo é ver a tempestade sem que ela nos alcance. Acalmei meus medos, dando-lhes suporte para serem menores. Mesmo assim eles me fazem companhia. Rendem-me os sentidos, vêm por dentro das minhas veias, dos meus nervos, instalam-se em tudo meu, destacam urgências, derivam minhas energias para uma destoante forma de ver a realidade, concedendo-me um lugar para verter minhas covardias. Assim, certa certeza, quase segura, me envolve em interesses enganosos. Finjo não estar enganado, tento diminuir minha fragilidade, finjo ser forte como a

terra seca que aguenta o sol.

Preciso preservar a alma e o corpo, devolver-me à vida livre dos sustos para repousar meu repouso e encontre uma paz com a qual ainda preciso aprender a conviver. Avançar no tempo com uma profunda consciência de finitude, sem que esta me diminua a vista, o reflexo, o passo.



AINDA PROCURO

Ainda procuro, atordoado, ser gentil e capaz de criar uma curiosidade nova. Inábil, necessito de vozes para recitar minhas palavras, torná-las menos severas, mais doces e audíveis. Todavia, quantas vezes, sem paciência, jogo palavras como se pedras fossem.

Ainda procuro sustentar uma convicção de que não deveria perder de vista o quanto vale tentar ter mais cuidado.

Cuido não prometer o que não posso cumprir, evito o despreparo ao me dirigir àqueles com os quais

precisarei conviver por longo tempo. Minhas explosões ocasionais, proferidas na direção errada, resultam em ódios guardados. Já a minha natureza encontra alguma razão para ocultar minhas palavras como um segredo. Elas me revelam, me viram do avesso, me tiram a compostura.

Das cordialidades menores às grandes declarações, faço presente os vícios de inclusão como uma obrigação de participar em tudo. Abro, assim, o espaço para sentir e viver os benefícios do êxito e o fracasso.



ENTRISTECIDO BUSCAR

As últimas lembranças pedem vida e alguém com quem vivê-las. Tentam sustentar esse meu anseio derivando as exigências para algum longínquo, lugar onde alguém não mais me alcançasse, nem me olhasse, nem atrevidamente me invadissem quando frágil, dependendo de ajuda. Quero acolhida e hospitalidade, temo ser atingido na minha fragilidade.

AGONIAS DIAGONAIS

Desde o tempo em que eu não sabia que o tempo passava, fui vivendo. Quando a lua punha sombra no meu dia ficava triste. Hoje, indiferente para sentir e entender o mundo devo reconhecer-me reduzido à minha finitude. Por mais que me busque e encontre, algo permanece escamoteado por uma censura que deixa minha alma de fora. Quase me animaria a afirmar que uma prudente atitude esconde um pudor, uma vergonha, uma grande ignorância.

Em ato memorável, declarei-me impotente. Esterilizada a boa vontade, me sinto aos pedaços. Por prezar-me, alcancei um pouco da minha própria dignidade e resolvi guardar esta memória que se impõe forte e inamovível. Atualizo-me em todos os vínculos para não comprometer a crença nas pessoas que, por imprudência, me cercam, poupando-as dos equívocos, divido com elas as responsabilidades. Evito maltratá-las com adiadas palavras ofensivas que não foram ditas aos que mereceriam tê-las ouvido. Mesmo assim, incapaz de me conter estremeço ante a surpresa e o arrependimento.

Tudo me faz crer que eu morrerei com minhas crenças.

Busco agarrar-me a algo essencial, alguma raiz, qualquer coisa que tivesse se salvado da adulteração, da pirataria, da falsificação.

Tal o afeto que encerram minhas convicções e meus ressentimentos que eles são como monumentos, dignos e indignos, lhes empresto a voz deixando brotar o conteúdo como entrada, prato principal e sobremesa. Mantenho meu poder de participar do futuro embora já sem voz, Desenvolvo novas alternativas, tento mudar o passado, lugar de onde vêm as virtudes. Nada menos confiável que um homem consciente da sua omissão e da sua conivência com as injustiças, do bem que é capaz de gerar quando decidido a fazê-lo.

Quando decifrei a manipulação dos códigos, perdi a inocência. Todo o conhecimento que me foi oferecido estava despolitizado, dirigido a eternizar a minha ignorância.

MEU AVESSO

Preparar-me para dias melhores pôs fim a uma etapa de intenções mal usadas. Costumava partilhar minhas esperanças com os outros até que começaram a me chamar de utópico, sonhador. Recolhi minha sinceridade antes que me cassasse a liberdade. Os nervos, que partem do cérebro e vão às extremidades, são simples condutores; não decidem meu destino que passa pelo uso da palavra e do silêncio. Não sou metade, sou um inteiro de mim mesmo, sou meus defeitos e minhas manias.



CONSCIÊNCIA TOLERÁVEL

Penso que uma profunda consciência de finitude seria intolerável. Nada a compensaria, não fosse a onipotência de estender a vida sob um comando previsível, um uso da racionalidade em nome da negação. Esse temor que emana da vida, limita aos poucos, tira a vista longa, diminui o reflexo e o passo.

AS IMAGINAÇÕES

Nunca fui de acomodar-me às solidões nesse vai-e-vem louco da realidade. Houvesse necessitado mais conhecimento de causa para verter versos enchendo teus olhos de alegria. Tu me ensinas teus misteriosos sonhos que dão asas às borboletas enchendo o ar de rumores atropelando minha paz e meu silêncio. Enquanto eu busco caminhos na tua doçura, derramas teu mel no abraço ágil com que ofereces teu incendiário desejo.



A SITUAÇÃO NA QUAL ME ENCONTRO

Um dia provoquei certa agitação em minhas proibições. Avancei na direção onde elas não pudessem tolher os meus desejos. Ofereci-me para inaugurar novas emoções, entreguei-me ao forte poder da atração de viver. Busquei sair do lugar que me foi ordenado como o mais seguro e sensato. A hora pressentida tornou precária aquela solidão optada, que já não me bastava como companhia. Saí do vazio.

CALANDO A VOZ DA CONSCIÊNCIA PESADA

Um anúncio súbito passando por cima das minhas carências fez-me perceber estar suprido me foi anunciada uma declaração de amor sincero.

Ostentando vazios permanentes, expus-me consciente dos riscos que crer desencadeia. Com a simples pretensão de promover escândalo, entrei com a coragem e a definição de ir até o fim, passando a limpo se o declarante era sincero e se a declaração era verdadeira. Justo quando deixava de acreditar em mim, inventei outro eu, que teimosamente, resolveu enfrentar todas as minhas malcriações caladas pela novidade. Era uma nova pessoa surgindo de mim para apresentar-se, para representar-me na fotografia da minha identidade. Em hora oportuna, recorri a esta ajuda, pois a condução da minha vida, cada vez mais fora do meu alcance, impedia uma autonomia desejada e só aumentava a sede de inventar uma independência que nunca alcancei. Afinal havia que preparar-se para outro final, diverso do esperado.

Foi então que fui aquele que atreveu a calar a voz da consciência pesada para pecar sem remorsos. Autorizei uma liberdade transgressora que me permitiu inventar

vida onde não havia. Deixei-me conquistar. Afastei assim uma tristeza pouco autêntica, algo duvidosa, que punha em risco minha fé no amor. Daí partiu o motivo e a inspiração a propagar-se neste reviramento pelo qual passo.

Regido pelo encanto de quem descobre novos direitos, coloco-me à altura dos convencidos que meditam prudentes, fazendo-se especiais para alguém.

A vida me fez pensar sobre a intensidade dos meus sentires, me fez saber que para conquistar uma mulher, se precisa pensar como ela.

Sendo aquele que não pensa em se emendar, cato virtudes e com elas enfeito meu existir, trazendo constrangimentos e surpresas para o aborrecido que eu estava sendo. Entre silêncios, o sossego se perde nessa gritaria que se apossa da minha intimidade, fazendo alvoroço em toda a extensão dos meus dias. Ser privado da paz é uma das provocações que meu outro eu mais adora. Perco-me toda vez que trabalho em vão contra meu desejo. Minhas desculpas já não são mais aceitas por mim. Aos que comigo se preocupam, e nem sei se eles existem, direi estar fora de perigo. A minha causa é controlável, apenas um apetite passageiro, dura o breve tempo de uma paixão. Já logo, esse surto

acabará junto com a minha existência. Peço licença para contrariar opiniões e romper expectativas sem dar ou conceder um minuto que autorize o supérfluo a invadir meu tempo depois que o descobri um bem não reciclável.



ESSA DOR

Que dor é essa que me invade sem aviso, intrometendo-se na minha paz? Como parar esse sentir se ele invade meu peito, escorre pelos meus olhos e funciona como sentinela avançados de tudo o que propositadamente me esqueço? Reinvento um novo sentido para essa dor que me acompanha. É uma dor alheia que adoto como se fosse minha, faz-se tão carne que quase a confundo comigo. Adoto uma covardia que me esconde dos enfrentamentos, dos injustos castigos que dilaceram e me exaurem. Estanco os enlouquecimentos que tal dor é capaz de produzir em mim. Essa dor que desembarca na minha vida e acompanha meu existir. Espaçosa

como toda dor, ela me ocupa, usa minha privacidade, desenterra minha indiferença, faz ressoar o gemido que a acompanha, derrubando minha frágil e insustentável coragem.

Decreto luto, igualo as perdas, invento desculpas e fugas para não mais me espantar, tento persuadir-me de que essa dor não é universal, invento que muitos não a sentem. Cansado de tanto doer, meu corpo me cala o discurso e se deixa levar pelo sofrimento. Uma lei me condenou a sofrer em meu canto.

Com que propósito adotei essa dor que ora se apresenta como salvação, ora companheira convalescente? De qualquer forma, está em mim como tatuagem, feroz como um afeto extremo, incorporada como um alarme.

FINAL FELIZ

Necessito de fábulas, de fantasias com um final feliz. Necessito guardar os gritos e os gozos como relíquias, Inventar uma história onde um ilumina a história do outro como coisa da maior grandeza. Anseio incorporar um abraço fortuito para adiar a morte e dar um fôlego às esperanças acabadas. Confesso desejar uma firmeza que me assegure alguma defesa. Quando espero frutos e, ao invés, recebo o afeto endurecido, invento uma indiferença que amorteça a decepção.

Já recebi os melhores sorrisos e uma íntima oferta que não pude negar, fui envolvido no véu de uma profetiza. Enredei-me com respeito e medo, buscando amenidades, sem ruídos que atingissem a paz. Quantas agitações me indicaram os braços serenos que refutei por previsíveis. Exalto as emoções onde todos as tornam frias e vibro com essa ousadia.

Assim, entre aquisições imerecidas e equações que só fazem aumentar as incógnitas, sigo fabulando, fazendo-me companhia enquanto o vento estiver a favor e me traga inspiração para pacificar as deusas e as tentações que estão entre as minhas preferidas razões de viver. Já fiz da vida o pior. Pouco cuidada, ela ficou repousada,

esperando-me resolver ativá-la, sair da lassidão e fundar novas alegrias.

Comigo levo essa vida que me esconde e me expõe, que temerosa me avisa das dores do amor e das incertezas. Conta-me daqueles que se aventuram a perder a cautela, deixando o amor entrar com suas companheiras a mágoa, a incerteza, a dúvida, a temeridade, a inconstância. Nesta minha vida, experimento que sou amado, acolhido, rechaçado, reclamado; verto sofrimentos, hospedagens, solidão e companhia. Aguardo um final feliz.

MINHAS PALAVRAS

Faltam-me tantos medos por viver que me disfarço, e misterioso me finjo diluído de compromissos. Finjo não perceber o quanto amo, esperando por divinos acordos que anunciem uma nova rima. Por temor, jurei um amor que não sentia, prometi o que não cumpri, abandonei meus sonhos para sensibilizar-me de outras maneiras mais reais. Adoeci de tanta tristeza, memorizei poesias que declamei como sendo minhas, morei em vários países, tomei porres em vários idiomas e transportei os medos de perder a anterior namorada para a próxima. Ofereci ferramentas para que os mais próximos me criticassem, dei-lhes um conhecimento de mim suficiente para que a ofensa fosse fundo.

Todavia, ainda busco encontrar mãos seguras que desassombrarão minha solidão, afastando os perigos que rondam minha mente. Busco alguém que comigo divida o essencial e valide minhas imprudências, que me apóie no risco e se aborreça com a minha rotina. E ao invés de ser abrigo, que seja tempestade a cobrir de sentidos minhas palavras.

Tento celebrar a vida a cada dia, impedindo que me saqueiem as riquezas. Espero pela fraternidade ter

mil braços para dar muitos abraços e poder contar com a sorte para envelhecer forte, atualizando o passado sempre que possível. Anseio por manter a generosidade que amplia a companhia e com minhas palavras repartir a esperança, os faróis onde se façam necessários. Aumentar a vontade de viver.

Confesso ter um excesso de recato onde é para pecar. A fonte das minhas palavras é um segredo intimamente meu.



A VIDA COMO UM BEM IMPREVISÍVEL

Fico admirado vendo os habitantes deste mundo desenfreado que vivem tentando adivinhar o futuro deixando de viver o presente, buscam os indicadores no passado e pensam que anteveem o porvir. Todas estas coisas juntas e cada uma delas não basta para afinar o sábio predigistador. A adivinhação passou à coerência e transitar boatos foi a especialidade maior deste caçador de desgraças.

Passar a certeza de que o imprevisível é uma grande sabedoria exige cuidados pois por trás de uma grande ideia ficaram muitos limitados pelo caminho desprezando a ideia enquanto ela crescia. Cada um ficou com seus deuses alimentando-se em ilusões enquanto a obviedade seguia seu caminho progressivo a confirmar que muitos deixaram passar a ocasião. Uns dias na defesa e outros na ofensa, armados com palavras que esvaziadas carregam com ou sem ética o valor que se lhes assignem. Propositadamente aborreço os que me cercam com as mesmas críticas até que tapem seus ouvidos e se façam surdos.

Não sei por que razão essa vontade me invade. Pareço ter breves momentos de desencontro com o mundo, como ele está, do uso e do abuso, da delegação de poderes, na falta de escolhas, na ausência de respeito. Desde que a consciência me obriga a viver esse dia-a-dia aumenta minha solidão.

A PRIORIDADE DA ALMA

As palavras ditas pareciam sair dos poros enquanto minha boca fechada, perplexa ouvia o que não havia sido por ela dito. Finalmente a minha alma adquiria autonomia para falar por si só. Usando outras vias provava sua independência anatômica e deixava afirmado que ela estaria a partir daquele momento presente em todas as células do corpo. Anarquizando o sentido dos sistemas ela oferecia novas leituras para as restrições que localizavam cada coisa em um único lugar. A minha alma participava que não mais compareceria ordeira e que cada vez que se expressasse estaria sentindo e respondendo por todo corpo. Revoltada não aceitou mais a acomodação e as divisões.

Na ascensão dos direitos adquiridos, por conhecer os sentimentos da minha alma, ela sabe que estes interferem no destino: nomeiam, despedem, jogam, mudam resultados, caçam, privam, idiotizam, avivam, dividem ou unificam, caluniam e perdoam.

A minha alma avisa o sentido do viver. Exigente como só ela, não aceita cair em desuso e se quer conservada na memória das próximas gerações para perdurar viva no futuro, levando a passear, abrindo livros, beijando

bocas, cuidando pássaros, tendo orgasmos, podando árvores, plantando flores, inventando fantasias, espantando feras e os maus pensamentos, dando notícias, omitindo fofocas, namorando, erguendo o demolido e assistindo a devolução e os direitos por territórios torpemente usurpados.



DISCRETAS INVENÇÕES

Enquanto as paciências desafiam as resistências graves, uma proposta de espalhar a confiança onde todos gemem, nos céus se agiganta desprezando os limites do universo, não aceitando nenhuma emenda na paisagem nem mudanças nos tons de azul que a esperança desenha. Anunciam que os amantes se resistem aos tempos de terminar e seguem juntos sem cogitar nenhuma tentação que não seja para reafirmar a união. Alegres, noticiam uma confirmação que soma os dons e admirados com o feito espantam os medos e as vergonhas, sabem receber os ecos que docemente se misturam aos entendimentos.

PESSOA EM DESUSO

A pessoa em desuso em que me transformei esqueceu-se de si mesma. Não soube cuidar-se quando, a cada dia, a vida exigiu renovação. Negou-se a ser pessoa, fez-se objeto e aceitou a manipulação para não se comprometer.

A pessoa em desuso que sou não se atualiza propositadamente, pois deixou de ser intérprete, preferindo o barulho dos clarins roucos. Sucumbida, perdeu o ânimo eficaz. Acabei sendo tão arrogante, que perdi o medo diante do perigo e me acomodei na solidão. Ao invés de discreto, fiz ruidosa defesa da desistência. Entreguei-me a uma obediência cega que nega minha opinião que, a cada dia, me pede ressuscitar as virtudes. Achei que para os inimigos pouca diferença faria se eu prestasse falso testemunho, logo eu que havia feito alarde toda vez que, cuidadoso com uma nova etapa da vida, andava na ponta dos pés para não acordar o triste “homem do saco” que me assustou desde criança. Acabada a provação, nada me resta provar. Fiquei dócil frente ao que antes me indignava, embora eu tolere cada vez menos o intolerável. Não se podem perdoar os honestos pelo silêncio e pela omissão, nem se perde tempo em odiar

quem nos merece a indiferença.

Depois de sequenciados e valorizados esforços, busquei os fundamentos da esperança para atenuar os acertos com a eternidade, que sempre imaginei ser uma mentira. Escondo uma indignada reclamação, porque falta cada vez menos tempo por viver, ainda que em desuso.



TESOURO DA JUVENTUDE

Ainda lembro com que vigor e perseverança minha mãe comprou e pagou o Tesouro da Juventude. Era de segunda mão e era o que lhe alcançava pagar. Malabarista das promessas sutilmente sugeridas, para fazer-me ler inventou que ele faria comigo o que o sol da Finlândia fazia: iluminaria minhas noites e a minha mente. Dar-me-ia combustível para eu ir para longe dali, onde o futuro era limitado. Aquele seu ideal tornou-me um leitor, apreciador das palavras faladas e escritas.

Aquelas leituras ingênuas do tesouro não falavam de ideologia, de direcionamento histórico e isso tornava mais fácil crer no que estava escrito. Tudo era consoante com a moral e respeitava a ordem ditada pelos editores. Naquela época, eu não tinha do que reclamar -a justiça era perfeita e dolorosas privações só passariam aqueles que não faziam nada por si. As almas tinham ídolos boas e tudo o que tínhamos de fazer era construir dias melhores, cuidando do nosso presente mesmo diante das absurdas e inesperadas adversidades, desde que ninguém da família resolvesse morrer precocemente. Conviver com dificuldades era algo inusitado. Diante da liberdade concedida àquele que pesquisasse, acabava o dever imposto e a leitura sem sentido que nos impunham no voraz colégio.

Diante de tanta singeleza, não poderia deixar de atender à um convite, à alguma futilidade intelectual, pois no Tesouro da Juventude estava tudo o que se podia imaginar como conhecimento global. Nada faltando, bastaria minha boa vontade para consultá-lo e ali teria prontamente as respostas. Com esse valor adquirido, tornei-me potente rumo às aspirações mais elevadas, patrocinadas por uma alma nobre e inquieta daquela filha de imigrantes libaneses, orgulhosa de levar

cultura aos filhos. Alijar-nos da ignorância era tudo o que representava seu desejo de saber mais, ainda que fosse através de mim. Ensinou-me a agarrar o cipó e a pular bem longe, evitando os medos que congelam as ambições.

Aquela transmissão de convicção teve um efeito duradouro em mim. Ainda hoje, quando vejo um livro em uma biblioteca, sinto uma empatia, como se eu fosse um aliado, um amigo a me oferecer um reencontro.

Aquele tesouro oferecido guardava as virtudes que eu então reconhecia em minha mãe, por extensão os livros ainda me acolhem maternalmente.

PASMO

Pasmo com as marcas que me tornaram melhor do eu esperava. Segui as margens apontadas, limitando os desvios para formar meu interior. Preocupado em confirmar o que de mim esperavam, tornei-me mera extensão dos objetivos de outrem. Topei com inimigos que me tornaram mais duro chocar contra o ferro. Já fiquei morto...de saudades e transformei as aparências em conceitos insuportáveis. Mastiguei o desespero pensando digeri-lo, mas ele contribuiu para uma enorme indigestão. Resmunguei para despertar comiseração, mas ganhei burlas e ironias. Não sendo marginal, já sequestrei esperanças e roubei a paz de alguém. Delicadamente, já calei muitas vozes e, fingindo amor, odiei profundamente a ponto de causar dor. Já dormi morrendo de medo e despertei ressuscitado. Já fugi em sonhos e me escravizei na vigília. Embarquei sem saber nadar e me afoguei nas mágoas. Fiquei estarecido em meio às suspeitas e me apaziguei com certas verdades. Procurei ensinar falando e aprendi escutando.

Para não perder a agudeza de espírito, não prejudicar a saúde, tentei materializar os afetos para imbuir de falsas doutrinas ou novas pistas para apurar os recados

e aprender a bater com mais força, até que se abrissem as portas. Separei a alegria da euforia e o susto percorreu-me da espinha até os pelos dos braços para me avisar do perigo. Fiz menção de renunciar, mas a alegria andou por perto e me estendeu a mão, não me deixando afogar.

Ainda me causa admiração que dentro de mim brotem ideias que exporto como uma mistura sem proprietário.



MEU TERRITÓRIO

Nesta empresa em que transformaram o mundo, não comprarão minha consciência nem minhas verdades. Ainda estarei na fundação do meu Estado e verei os semblantes de alegria na recuperação da memória, da virtude e do direito, orgulho da minha bandeira e do meu nome.

Talvez devesse ordenar minhas indignações. Acostumado a elas, não sei quem se fez senhor da minha paz, quem se fez dono dos sentidos do meu povo

e oculta a verdade dos fatos, embaralhada a verdade a reescreveram de acordo a seus interesses; o meu lado do mediterrâneo ficou sendo o mau, minha intenção a pior e minha defesa um ato terrorista. Nunca foi tão ordenada a propaganda que faz cabeças e valida o roubo coletivo: avanços no memoricídio, pondo a todos em uma fuga não escolhida, reféns daqueles a quem acolhemos.

Expliquem-me como entender essa traição? Houvéssemos querido viver aquela hospitalidade com transparências e podido contar esta história para os filhos de todos. Adiada a fé e a esperança todos os exilados gritam em meu nome.

Tanto me fizeram sofrer que perdi o medo, não tenho mais medo de nada, tal minha indignada dor que surge do espontâneo ódio, ao fim de tudo qualquer ação dos invasores me dá um motivo para desejar-lhes o extermínio, estão me ensinando a matar.

Ainda espero a retomada da minha casa, do meu pátio, do lugar onde enterraram os meus sonhos. Sentir que me reencontrarei comigo, fazendo do exílio um pesadelo passado, superando aquele tempo estranho, doído. Voltarei a plantar as oliveiras no mesmo lugar em que meus avós o fizeram, replantar a parreira que dará

sombra para meu corpo descansar em paz, tentando esquecer esta guerra suja em que me meteram, me impedindo de viver um futuro previsível. Alcançando um estágio que me permita gozar de muitas coisas que me transcendam, que os outros me apresentem como novidade e que me maravilhem como um novo dia, desconhecido, ofertando-me a igualdade e a liberdade. Ainda que não me tenha aprontado para maiores autenticidades, os sentimentos mais profundos reclamam superfície, até agora não consegui escapar da minha natureza, não seria em fim de carreira que o faria. Isto que pareceu-me ser uma derrota deu-me uma dimensão da forte convicção com que fui forjado. Não pude deixar de escapar do vício de criticar nem de concluir que cometi excessos onde deveria haver tido prudência, extraí o fôlego dos anjos que me ampararam em minha arrogante exposição.

FALSOS ALARMES

Tradicional na hospitalidade, dediquei-me temporariamente à pretendente de plantão até que a paciência deu um basta desconcertante na candidata, ali já desencantada. Também naqueles que, por amores precários, não mereciam a reciprocidade. Chegada a hora, todas tinham o mesmo destino, bastando saber que aquele era mais um alarme falso. Ali ainda não estava o esperado amor.

Abraçado a algumas causas perdidas, tentei preservar dentro de mim aquela ingênua criança que sonhava, sem ter vergonha de fazê-lo, sonhos sistêmicos, fascinantes. Ainda assim, há uma diferença entre aquele que fui e este que sou. Dizer uma diferença é cegar o que sei. Enquanto a criança que fui vomita símbolos de resistência, o adulto que sou concilia a hipocrisia dos títulos com a autenticidade.

Quero chegar a um sentimento que me faça recuperar a ternura, e, mais do que sensível, quero politicamente declarar que estou de volta, e reconhecer-me e indagar quais movimentos retomarei para fazer de mim mesmo um criador, alguém que, com uma nova consciência e uma retomada esperança, declare o amor e escreva

garantias de continuidade da vida, para que todos fiquem sabendo que um dissonante, cheio de energia, no apogeu da descrença saiu do silêncio para estender os braços e retornar, intransigente, a uma vida que oscila entre os sons e os silêncios. Entre o quieto que nunca soube ser e o silencioso em que me transformei, habita na minha alma a ânsia de um poema que dê sentido aos ruídos. Tento, todos os dias, entrar na arte de viver; saio da aborrecida tranquilidade para encontrar prazeres, frustrações, mistérios e desvendamentos.



Roberto Curi Hallal

